

**CORPO E PODER: AFETOS CONTEMPORÂNEOS
NA ARTE DE VIVIAN CACCURI****BODY AND POWER: CONTEMPORARY AFFECTS
IN THE ART OF VIVIAN CACCURI**

Alessandra Paula Rech
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo: Colocando em evidência as contradições em torno de uma figura santificada pelo catolicismo, a instalação *Oratório*, da artista Vivian Caccuri, mescla ao trabalho de remix do cântico ambrosiano, fotografia e textos inscritos nas paredes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A partir da análise desses textos, sob o impacto das interferências sensoriais provocadas pela artista, o presente artigo dialoga com a concepção de circuito de afetos, desenvolvida pelo filósofo Vladimir Safatle, buscando entender questões de corpo e poder evidenciadas pela obra na aparentemente paradoxal relação entre tempos tão distintos quanto o século IV e o presente. Friedrich Nietzsche, Judith Butler e Florencia Garramuño integram o referencial teórico transdisciplinar.

Palavras-chave: Vivian Caccuri, arte, literatura, corpo, poder.

Abstract: By highlighting the contradictions surrounding a figure hallowed by Catholicism, the Oratory installation by the artist Vivian Caccuri, mixes with the work of remix of the Ambrosian chant, photography and texts inscribed on the walls of the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro. From the analysis of these texts, under the impact of the sensorial interferences provoked by the artist, the present article dialogues with the conception of affection circuit developed by the philosopher Vladimir Safatle, seeking to understand questions concerning body and power evidenced by the work in the apparently paradoxical relation between times as distinct as the fourth century and the present. Friedrich Nietzsche, Judith Butler and Florencia Garramuño are part of the transdisciplinary theoretical framework.

Keywords: Vivian Caccuri, art, literature, body, power.

“Nenhum poema
é mais difícil
do que sua época.”
(Carlito Azevedo)

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estabelecer um diálogo no campo dos afetos entre a obra *Oratório*, da artista Vivian Caccuri, e conceitos oriundos da filosofia contemporânea, especialmente os postulados por Judith Butler e Vladimir Safatle. Questões como a contestação ao pensamento religioso instituído, o controle pelo medo e a repressão dos corpos emergem da obra de Caccuri, em seu paradoxo temporal, uma vez que coloca em evidência uma figura clerical do século IV, Aurelius Ambrosius, o Santo Ambrósio, cujo comportamento controverso remete às questões políticas em confronto no Brasil do século XXI.

Como metodologia, apresenta brevemente artista e obra, e analisa os temas principais que emergem de seu trabalho, que cruza a instalação artística com a literatura fora do suporte convencional. Para sustentar a vinculação de Caccuri com essa literatura realocada, toma por base os estudos de Florencia Garramuño sobre as estéticas contemporâneas e a permeabilidade entre gêneros artísticos. Por fim, parte dos temas que se sobressaem em *Oratório* para estabelecer relações com afetos contemporâneos na perspectiva filosófica, seguindo a linha de Safatle, que compreende as sociedades como circuitos de afetos.

Vivian Caccuri nasceu em São Paulo em 1986 e vive no Rio de Janeiro. A artista tradicionalmente utiliza o som como veículo para cruzar experimentos de percepção em questões relacionadas a condicionamentos históricos e sociais. Para Caccuri, por meio de objetos, instalações e performances seus trabalhos “criam situações que desorientam a experiência diária e, por consequência, interrompem significados e narrativas aparentemente tão entranhadas como a própria estrutura cognitiva”.¹

¹ CACCURI, 2018. <https://viviancaccuri.net/>. s.p.

A artista já desenvolveu projetos em diversas cidades do Brasil e Exterior. Ao longo de sua carreira, colaborou com músicos como Arto Lindsay (USA/BR), Gilberto Gil (BR), Fausto Fawcett (BR), Wanlov (Ghana) e lançou seu projeto musical, Homa, em 2016. Em Princeton (Estados Unidos) escreveu o livro *O que faço é música*, investigando os primeiros discos de vinil feitos por artistas plásticos no Brasil. Publicado pela 7Letras, foi vencedor do Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música em 2013.

Oratório ficou entre as quatro obras finalistas ao Prêmio PIPA 2018. A promoção é uma parceria entre o Instituto PIPA (co-fundado pela IP Global Capital Partners e IP Capital Partners Resource Management) e o Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. Um dos mais relevantes certames brasileiros na área das artes visuais tornou-se também importante plataforma de pesquisa sobre a arte contemporânea brasileira. Na edição de 2018, 73 artistas foram indicados, 36 deles participando pela primeira vez.²

A partir de pesquisa com ênfase nas sonoridades, a obra reúne a materialização do oratório, de onde emanam efeitos sonoros, fotografia e texto escrito à mão nas paredes da galeria. A intervenção rapidamente envolve o visitante em uma atmosfera lúgubre que permite a contemplação sensível da imagem à frente. Trata-se da ossada de um líder católico.

A imagem – uma reprodução fotográfica do corpo como ainda pode ser visto na Basílica de Santo Ambrósio, em Milão, Itália (FOTOGRAFIA I), foi permeada por uma tela preta com recortes que enfatizam determinadas partes, como a guiar o olhar do visitante. A ideia do recorte parece simular, analogicamente, o movimento do autofoco de uma câmera nos dias atuais, em um diálogo estético que funde tempos tão diversos como o fim da Idade Antiga e a Era da Informação.

Ao editar, dessa forma, a imagem exposta, Caccuri afirma o papel da arte como intervenção sobre o cotidiano. Tradicionalmente ligada às escolas a

² O concurso estabelece as categorias Prêmio do Júri, Voto popular e Voto Online. O primeiro lugar definido pelo júri recebe R\$ 130 mil e financiamento de três meses no Programa de residências Unlimited, em Nova York. As demais categorias são premiadas com R\$ 24 mil (entre os quatro finalistas da exposição); R\$ 10 mil e R\$ 5 mil (para os dois artistas mais votados pela internet entre todos os indicados na edição).

que os indivíduos se submetiam, a arte sofreu transformações e se expressa, na contemporaneidade, mais como olhar do que como objeto. Nesse sentido, estabelecer o que deve ser visto e, por conseguinte, percebido pelos demais sentidos estimulados a partir da cena reproduzida da capela italiana é, em si, a obra de Caccuri.

Fotografia I – Santo Ambrósio (MAM/RJ).



Fonte: <https://viviancaccuri.net/Oratorio>. Acesso em: 09/01/2019.

O som que adensa o ambiente de exposição provém de um pequeno altar pintado de preto, onde estão instalados amplificadores (FOTOGRAFIA II). Os graves predominam. Velas acesas, cujas chamas oscilam de acordo com a intensidade da vibração musical, são mantidas no *Oratório*. A trilha sonora baseia-se no hino ambrosiano, gênero pré-gregoriano, *Aeterne Rerum Conditor* (*Criador eterno*), uma das primeiras notações escritas para coral na história da música ocidental, executada por monges católicos romanos.



Fonte: <https://viviancaccuri.net/Oratorio>. Acesso em: 09/01/2019.

Caccuri afirma explorar formas arquitetônicas e musicais da religião com o intuito de expandir conexões e significados:

Ao passo que a música religiosa cristã se distancia da percussão, tambores e graves para privilegiar o texto, a voz, e seus acompanhamentos cordas e sopro, a interpretação musical pop procura formas sônicas onde o grave ainda pode funcionar como um veículo para a mente.³

Não bastassem os sons intensos e perturbadores e a força da imagem (a ossatura de batina e mitra, com o sorriso irônico que a morte imprime à caveira), Caccuri se comunica com o visitante com manuscritos nas paredes. É o momento em que a palavra escrita, ou a literatura em suporte alternativo, convida a ler o mundo em que vivemos.

³ CACCURI, 2018. <https://viviancaccuri.net/>. s. p.

Os deslimites da literatura

Antes de partir para a análise desses textos, cabe uma breve discussão sobre os suportes e os limites ressignificados na literatura contemporânea, tendo como base para a reflexão os posicionamentos de Florencia Garramuño. Em *Frutos estranhos*, a pesquisadora assinala a articulação de textos com e-mails, blogs, fotografias, discursos antropológicos, entre as variantes que compõem uma obra literária na contemporaneidade. Segundo Garramuño (2014)⁴, a heterogeneidade das expressões “denota a imbricação das práticas literárias na convivência com a experiência contemporânea” (...).

A instalação de Caccuri no MAM parece corresponder a esse “campo expansivo” de que Garramuño (2014)⁵ dá notícia, onde “está a ideia de uma literatura que se figura como parte do mundo e imiscuída nele, e não como esfera independente e autônoma”:

A expansividade dos meios e suportes artísticos se reconhece em práticas contemporâneas que, com operações, materiais e suportes muito diferentes entre si, foram desmantelando, detida e minuciosamente, todo tipo de ideia do próprio, tanto no sentido do idêntico a si mesmo como no sentido do limpo ou puro, mas também no sentido do próprio como aquela característica que diferencia, porque seria própria, uma espécie de outra. A figura do artista multimídia, aquele que em suas criações se move de uma disciplina a outra e as combina numa mesma prática, se soma a figura do artista – muitas vezes, mas não sempre, coincidente com a figura anterior – que pode, além disso, passar de uma disciplina à outra em práticas diversas: poetas que também são artistas visuais (Laura Erber), atores que também realizam performances e instalações (Mario Bellatin), ou artistas que recorrem a diversas invenções em torno da linguagem em suas próprias instalações.⁶

⁴ GARRAMUÑO, 2014. p. 42.

⁵ GARRAMUÑO, 2014. p. 43.

⁶ GARRAMUÑO, 2014. p. 41.

Ao se tornar mais plural e interativa, “numa relação constitutiva com o outro e com os outros (...)”⁷, a arte que extrapola suas formas e seus limites previsíveis, amplia seu potencial político.

Feitas essas considerações, observa-se a primeira inscrição de Caccuri junto a *Oratório*⁸:

O bispo santificado conhecido como Santo Ambrósio, jurista, um dos fundadores da Igreja Católica, um dos primeiros a compor hinos religiosos, assassinou pagãos, incendiou sinagogas. Padroeiro das abelhas, um dos poucos que sabia ler em silêncio no século IV. Diz a lenda que um enxame de abelhas pousou em sua boca sem picá-la. Depois disso, apenas mel escorria dela. A ossada do santo é mantida em Milão com uma caneta na mão, reforçando a soberania da boca e a opressão do seu corpo. A persistência da caneta em prejuízo do pau.⁹

As frases são curtas e impactantes, sempre lidas em presença da sonoridade intensa, cuja vibração se pode sentir no corpo. Tomam por base dados biográficos de Ambrósio, contrapondo os louvores às denúncias, sem preâmbulos. O ritmo textual simula a batida grave: sem respiro se é exposto às contradições: “um dos primeiros a compor hinos religiosos” / “assassinou pagãos, incendiou sinagogas” / “um dos poucos que sabia ler em silêncio no século IV”.

Nessa intercalação, estão postas questões cruciais entre religião e poder. O analfabetismo da maior parte da população à época é relevante para apresentar uma sociedade de contrastes. A “lenda” a respeito do mel que escorre da boca, ao ser enunciada como tal, e não como sinal divino, contribui para uma relação ainda mais direta entre poder e analfabetismo, prática que legitima, pelo mistério, os feitos mais brutais de Ambrósio na tradição católica em que se insere.

⁷ GARRAMUÑO, 2014. p. 48.

⁸ CACCURI, 2018b.

⁹ A analogia fálica à caneta imprime um tom mais agressivo ao conteúdo. A sexualidade é um contraponto presente nos demais textos, como se verá adiante, uma forma de rebelião do corpo ante a submissão pela doutrina.

É possível afirmar que o que Vivian Caccuri faz neste momento é literatura. Não se trata de uma legenda da obra, uma vez que a mesma circularia independentemente do texto; o texto, por sua vez, poderia estar solto em uma página. Imaginar a separação da obra nessas unidades não significa reduzir o impacto do conjunto sobre o espectador, ao contrário: é uma tentativa de demonstrar, especialmente, a força da expressão textual de Caccuri.

Na parede ao lado, segue o texto da artista:

Dedicar o remix aos sujeitos que a canção original condena: os não cristãos, os sem fé, os homossexuais, as bruxas, músicos, fetichistas, os pensantes, os imigrantes, os judeus, os arrogantes libertinos, anárquicos, solteiros e nômades. Dedicar o remix para todos os que descobriram o sexo através da igreja de forma forçosa ou consensual. *Erronum cohors*, termo escolhido pelos ambrosianos para agrupar todos os indesejados. Gangues errantes.¹⁰

Remixar, na arte de Caccuri, é a oportunidade de “reescrever” uma história, valendo-se da sonoridade e do conjunto de apelos sensoriais da instalação como narrativa. Vítimas de perseguição estão listadas na dedicatória da artista: são histórias de excluídos que se repetem há séculos, atualizadas nas paredes da galeria.

A perseguição aos homossexuais, assim como as formas de censura às expressões artísticas (ao pensamento, portanto), são questões mais atuais do que se poderia supor a essa altura. Surgem no discurso político da extrema direita, e se fazem notar em episódios recentes como o fechamento da exposição Queermuseu¹¹ em Porto Alegre (RS) quando, manipulada pela veiculação de posturas conservadoras que atendem a interesses políticos, parte da população pediu (e obteve do banco privado que a acolhia) o fechamento.

Adiante, Caccuri se aproxima de fatos que circularam na mídia no período da exposição: mais denúncias de pedofilia protagonizada por membros

¹⁰CACCURI, 2018b.

¹¹ A esse respeito, é complementar a leitura do artigo “Episódio Queermuseu: reflexos do despreparo social em torno da arte”, assinado pela autora do presente texto, em parceria com Danielle Schütz. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/11051>. Acesso em: 08/01/2019.

da Igreja. *Oratório* remixa a sujeição à instituição religiosa, escancarando a hipocrisia nítida nos dogmas que postulam o controle do corpo, diante dos abusos cometidos por seus integrantes.

O terceiro e último texto é ainda mais impactante:

Mente suja que liberta a pré-adolescente delirando em sexo enquanto é obrigada a engolir um sermão de domingo. Funciona jogando um véu na realidade, uma cortina pornô e violenta tingida por certa culpa, só que não. Depois de uns anos, o corpo é desenjaulado da lógica e jogado no caldo quente das vísceras: uma nova ideia de paz passa por colonizar a eternidade com suas próprias babas corporais e saber excitar o animal que te pisoteava.¹²

Desenjaular o corpo da lógica opressora é a proposta da artista, condizente com o contexto político em que se insere a obra. Em período imediatamente anterior às eleições presidenciais de 2018, a exposição de *Oratório* confronta-se com a efervescência do pensamento conservador, tido como bandeira para uma representativa parcela dos políticos em ascensão no período.

Nos meses em que o MAM da capital fluminense abrigava a obra de Caccuri, a Queermuseu, vinda de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, precisou ser acolhida na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, via financiamento coletivo, ante a recusa do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), vinculado à municipalidade, em recebê-la, por ordem veto de Marcelo Crivella.

Tais episódios dão conta de tensões envolvendo as manifestações artísticas que têm como mote, justamente, a denúncia contra o cerceamento dos corpos, ou seja, um retrocesso nos costumes aponta que a denúncia sobre práticas veladas de controle social a partir do corpo passa a ser vetada de forma explícita. Tempo sem sutileza esse em que se legitima a censura à arte.

Foucault já apontava a conveniência do controle sobre o corpo: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (...).¹³ A lógica da disciplina do corpo, que se

¹² CACCURI, 2018, Op. cit.

¹³ FOUCAULT, 1987, p. 163.

aperfeiçoa na era industrial, ainda segundo Foucault, está presente na regulação do comportamento efetuada pelas instituições religiosas:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.¹⁴

Na época em que se insere a obra de Caccuri, há uma ênfase à repressão dos corpos, especialmente das mulheres. A aclamação do recato, da dedicação à família, das restrições mais ferozes ao aborto se alastram, em contraponto ao empoderamento feminino fortalecido pela articulação em rede. Assim, a afronta sexual ao discurso da castidade, proposta pela artista ao sugerir “colonizar a eternidade com suas próprias babas corporais”, ou “saber excitar o animal que te pisoteava” demonstra um enfrentamento pelo corpo ao que pelo corpo também foi negado: em essência, a liberdade do exercício das singularidades, domadas e fragmentadas pelos aparatos de controle.

A mudança social desejada pela artista, no entanto, é complexa. As instituições são capazes de articular, em um mesmo mecanismo, um poder que se estabelece tanto pela imposição quanto pela interiorização. É dessa forma ambivalente que Judith Butler definirá a subordinação: “A sujeição consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação” (...).¹⁵ Para a filósofa, há uma vulnerabilidade aos abusos do poder na própria constituição de normas sociais que, embora sejam externas ao sujeito, são aderidas por ele, que “busca o sinal de sua própria existência fora de si, num discurso que é ao mesmo tempo dominante e indiferente” (...).¹⁶

Tal reflexão ajuda a compreender como boa parte da população adere, pelo voto, por exemplo, às promessas de repressão, ao enquadramento dos

¹⁴ FOUCAULT, 1987, p. 163.

¹⁵ BUTLER, 2017, p. 4.

¹⁶ BUTLER, 2017, p. 208.

corpos à lógica da família tradicional, em um momento em que a Ciência já percorreu caminho inverso para o entendimento da pluralidade e os postulados religiosos volta e meia confrontam-se com contradições como as recorrentes violações praticadas por suas lideranças.

Diante dessas reflexões, o manifesto de Caccuri, em sua multiplicidade de linguagens, opõe ironicamente, no primeiro painel, um corpo morto, paramentado e sacralizado, a uma biografia controversa; no segundo, esse mesmo corpo de um líder privilegiado e tirano, enaltecido pela imagem, é evocado novamente na tentativa de remix do cântico ambrosiano, dedicado às “gangues errantes”, aos que representam minorias sociais perseguidas no contexto de várias épocas. O terceiro painel irá apelar de maneira ainda mais direta à corporalidade, como que a desconstruir a norma internalizada por meio da natureza própria dos corpos, afirmando o direito à liberdade.

Afetos no campo político

Como defendido até aqui, em *Oratório*, o apelo ao sensorial, ao afeto primário, físico, pode ser colocado em diálogo com a postura de Nietzsche diante da racionalidade pura que dominou o pensamento filosófico tradicional. Para ele, a perspectiva afetiva pode ser libertadora. Em *A gênese da moral*: uma polêmica, o filósofo confronta o pensamento em torno da razão:

De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um "puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si"; tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido. Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um "conhecer" perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso "conceito" dela, nossa "objetividade". Mas eliminar a vontade inteiramente, suspender os afetos todos

A reintegração do homem com seu aparato subjetivo afronta as instâncias de poder que, cindindo-o, na dicotomia alma e corpo, por exemplo, como ocorre na tradição cristã em que Ambrósio se insere, o submetem. Considerada a importância dos afetos, na linha de Nietzsche, “colonizar a eternidade” com os fluidos corporais, como propõe o texto de Caccuri supracitado, é libertar o ser de seus aprisionamentos.

A ideia de conhecimento puro, sem afetações, a propósito, faz lembrar o modo como os meios tradicionais de comunicação ainda vigentes neste século se valem das prerrogativas de objetividade e imparcialidade em seus manifestos éticos, desconsiderando que tais práticas são utópicas. Embora a filosofia, em seu percurso histórico, já tenha reconhecido a complexidade e determinação dos afetos sobre o comportamento humano, separando hipoteticamente esses afetos do exercício da comunicação, a suposta mídia isenta reforça instrumentos de dominação social com base em uma neutralidade fictícia e uma postura acrítica.

Basta pensar sobre o genocídio dos negros nas periferias brasileiras, naturalizado pelas notícias cotidianas acríticas. O caso do desaparecimento do auxiliar de pedreiro Amarildo Dias de Souza, em 2013, foi exemplo da rapidez com que essa mídia, em sua pretensa isenção, tomou a vítima como traficante, lugar-comum quando envolve a parte socialmente excluída da população. Por pouco teríamos mais um caso de tortura e morte praticadas pela polícia caindo no esquecimento.

Nesse contexto, as denúncias de Caccuri na galeria do MAM não são redundância, mas resistência, uma vez que o espaço da informação cotidiana (ou hiperinformação) já não atende a seus princípios. À época de Santo Ambrósio, a Ciência como instituição e os indivíduos que a protagonizavam eram facilmente tidos como hereges ao contrariar o conhecimento prévio em torno da natureza. Segundo Pohlmann, a nomeação do herege foi uma

¹⁷ NIETZSCHE, 2009, p. 100-101.

classificação retórica integrante de polêmicas teológicas e discursivas no século IV:

Durante a Antiguidade romana as classificações ortodoxia e heresia constantemente eram aplicadas por um grupo a outro, conforme a influência dos bispos nos círculos de poderes imperiais e/ou a crença defendida pela figura de poder imperial. Estes líderes de poder aplicavam aos seus ideais a alcunha ortodoxa e aqueles que não compartilhavam dessas noções recebiam o título de herege.¹⁸

A disputa pela legitimidade do discurso permanece neste século XXI, tendo as tecnologias mais servido à propagação de ideias controversas do que a sua verificação. *Fake news*, replicadas à exaustão por indivíduos movidos por paixões diversas, entre elas a intenção de persuadir, independentemente da veracidade, ou simplesmente o ímpeto de comunicar o que de pronto se tomou por verdade, têm contribuído para um fenômeno especialmente conveniente à ascensão do fascismo, cuja onda conservadora é um de seus braços: a pós-verdade.

Discursos de ódio proferidos e gravados passaram a ser refutados como se toda e qualquer fala, mesmo a registrada pelas câmeras, pudesse ser forjada. O desdito, assim, se incorpora à prática discursiva num quadro sem precedentes. No entanto, não basta pensar a lógica do discurso para entender o que se dá nas relações políticas. A abordagem pelo viés dos afetos parece mais adequada ao abarcar opções de crença que vão além da verossimilhança. Em outras palavras, acreditar ou desacreditar pode ser uma escolha. Posicionamentos decorrem não apenas do conhecimento, mas do que afeta os indivíduos mais intensamente – e o medo está no centro dessas afetações.

A ascensão fascista neste século, que torna pertinente a dedicatória de Caccuri a minorias que incluem de homossexuais a judeus, historicamente perseguidos, na visão de Roger Griffin,¹⁹ é mobilizada pelo que ele define como

¹⁸ POHLMANN, 2018, p. 112.

¹⁹ GRIFFIN, 1991, s/p.

palingenesia, ou seja, mito do renascimento de uma Nação decadente. Esse suposto renascimento busca na moral, no controle dos corpos, no regramento da vida privada, amparando-se em discurso fundamentalista religioso, essa transformação social utópica.

De um lado, temos uma massa confusa e ciente da manipulação dos fatos pela mídia que se diz imparcial e objetiva, em situação agravada pela curta memória política e parco conhecimento da história; do outro, se lidamos menos com a noção de heresia, temos a ênfase ao fenômeno do “desdizer”, que se vale da profusão do que é falso para apagar sem pudores o que foi dito imediatamente, oferecendo a ideia de um novo começo em bases antigas, sólidas e relacionadas, imaginariamente, à idoneidade.

Nessa perspectiva, a adesão a propostas totalitárias de governo, por desejo de renascimento, traduz um afeto: o desamparo. O extremismo que aproxima a segunda década do século XXI ao início da era Cristã vivido por Ambrósio seria uma resposta a esse afeto na definição de Safatle:

Compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma [...] Foi Freud quem insistiu nas consequências transformadoras de compreender não exatamente o medo, mas o desamparo como afeto político central.²⁰

Tomando o medo como afeto político central, é possível, novamente, estabelecer pontes reflexivas entre tempos tão distintos. O imaginário católico em que se insere Ambrósio tem o medo como estratégia de controle. A própria figura do santo exposto após a morte, entre tantos exemplos da iconografia cristã, demonstra a ênfase à ideia de perecimento como alicerce para a fé e seus compromissos, promessa de transcendência para os mortais, em oposição à danação do inferno.

Não entraremos em detalhes pelo entendimento de que extrapolam o foco deste artigo, mas observamos, não sem espanto, como as sociedades contemporâneas ainda estão centradas no controle dos corpos e no medo

²⁰ SAFATLE, 2016, p.13.

como dominação, tanto no âmbito religioso quanto na forma de gestão segregada da vida urbana, com uma arquitetura da exclusão, como aponta Ermínia Maricato²¹, que monumenta o medo em muros, cercas, grades, condomínios... e nisso podemos incluir carros blindados, aposta em ampliação do sistema carcerário, redução da maioria penal e difusão dos armamentos aos cidadãos comuns.

Considerações finais

Para Safatle, a lição política de Freud consiste em dizer que há uma espécie de aprisionamento do desamparo na lógica neurótica das narrativas de reparações que incluem a ascensão de governos fascistas: “Retirar o desamparo dessa prisão é a primeira condição para nossa emancipação” (...)²². Ainda nessa perspectiva, Safatle analisa as relações entre política e corporeidade (corpo social):

Se não é possível pensar a instauração política sem apelar às metáforas corporais, é porque, na verdade, constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado, de entrar em um regime sensível de *aisthesis*.²³

O filósofo aponta, ainda, que identidade e diferença convivem em oposição complementar. A “indiferença”, portanto, seria a “constituição de uma zona política de indiscernibilidade”.²⁴ Safatle insiste na afecção como possibilidade de construção e ressignificação de vínculos para além dessa indiferença que é a opção excludente, que faz do outro ameaça, em uma realidade embaçada pelos interesses das elites.

Assim, a subjetividade própria da expressão e do compartilhamento da arte é uma forma construtiva e transformadora de afecção. Mostra-se essencial no circuito de afetos contemporâneos que emergem na política ao possibilitar, pela construção simbólica do próprio indivíduo e sua desfragmentação, no

²¹ MARICATO, 2003, p.151-167.

²² SAFATLE, 2016, p. 14.

²³ SAFATLE, 2016, p.15.

²⁴ SAFATLE, 2016, p. 22.

sentido inverso às formas de controle social, também a percepção do outro em sua singularidade.

Não fosse poderosa a arte como instrumento de esclarecimento e coesão, não seriam censuradas suas manifestações ao longo da história e, infelizmente, em episódios recentes. A perspectiva amorosa do reconhecimento do outro, para a qual Caccuri aponta, ao evocar a liberdade dos corpos em suas singularidades, é tarefa que se reveste de relevância política. O momento é grave, como os sons que acompanham *Oratório*. Estejamos atentos e sensíveis às possibilidades de remix.

Referências

AZEVEDO, Carlito. Margens/Margenes. In: *Monodrama*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 33.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder*. Teorias da sujeição. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CACCURI, Vivian. 2018a. *Vivian Caccuri/Bio*. Disponível em: VivianCaccuri.net/bio. Acesso em: 18 out. 2018.

CACCURI, Vivian. 2018b. *Oratório*. MAM, Rio de Janeiro.

CACCURI, Vivian. *O que faço é música: como artistas visuais começaram a gravar discos no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougé. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GRIFFIN, Roger. *The nature of fascism*. London: Pinter, 1991.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. *Revista Estudos Avançados*, USP. São Paulo: nº 17, v. 48, maio-agosto de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200013. Acesso em: 29 dez. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

POHLMANN, Janira Feliciano. Os hinos de ambrósio e a formação de uma identidade cristã nicena. *Mosaico* – Revista de História. PUC Goiás: v. 11, 2018. Disponível em:

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/6268>. Acesso em: 29 dez. 2018.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Alessandra Rech é jornalista, doutora em Letras/ Literatura Brasileira. Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Realiza estágio pós-doutoral no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é pesquisadora com apoio do CNPq.